

# A PEQUENA CIDADE COMO OBJETO DE PESQUISA GEOGRÁFICA: MÉTODO E CATEGORIA

Maria Verônica de Azevedo Gomes<sup>1</sup>

Flávia Maria da Silva<sup>2</sup>

Valéria Barbosa Tavares<sup>3</sup>

**Resumo:** Ao assumirem o compromisso de interpretar a complexidade dos fenômenos sociais históricos as Ciências Humanas tem caminhado por numerosas veredas epistemológicas. Entre estas ciências a Geografia como responsável pela investigação e análise dos fenômenos inerentes ao espaço socialmente elaborado e vivido, tem percorrido caminhos que lhe marcam por contribuir para a sua construção epistemológica e por interferir diretamente na relação pesquisador-objeto. No entanto, as indagações e incertezas em relação ao método e categorias a serem adotadas em pesquisas geográficas ainda perduram na contemporaneidade. Neste sentido, este artigo surge da necessidade de discutir o(s) método(s) e as categorias mais adequados a serem empregados em um estudo de caso na área da geografia urbana, mais especificamente relacionada à pequena cidade brasileira, que deve resultar em um trabalho de Dissertação de Mestrado em Geografia.

**Palavras-chave:** método; categorias geográficas; pequenas cidades.

## 1. INTRODUÇÃO

A organização social humana é um intrincado e vasto campo de investigação e meio de produção do conhecimento. O homem busca frequentemente conhecer-se mais profundamente e entender os processos e espaços por ele criados. Estes processos históricos de criação revelam-se um fenômeno transformador, no qual o homem - a partir de sua interferência na natureza - tem modificado intensamente o modo de vida social e o espaço em que habita, tornando-o cada vez mais artificial e complexo.

Diante tantas transformações as Ciências Humanas tem o árduo e difícil dever de analisar a sociedade, bem como seus atos repercutem no espaço e em suas relações. A dinâmica social dinamiza também a construção do conhecimento científico, são inovadas as técnicas, metodologias, conceitos e métodos objetivando interpretar as novas e diversas realidades. E a Geografia não foge a esta regra, desde sua ascensão como ciência os axiomas refutados, a adoção de diversos métodos e as progressões conceituais de suas categorias

---

<sup>1</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba-UFPA.  
E-mail: m.veronica.gomes@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba-UFPA.  
E-mail: flaviageog@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Graduada em Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba-EUPB.  
E-mail: valerialela00@hotmail.com

contribuíram para sua evolução e por interferirem na percepção espacial dos geógrafos e na relação sujeito-objeto. No entanto, as indagações, incertezas e discussões em relação ao método e categorias a serem adotadas em pesquisas geográficas ainda perduram na contemporaneidade.

Seria possível afirmar que há um método perfeito de investigação para a Geografia Humana? Que método e categorias devem ser adotados em uma pesquisa geográfica para que ela reflita mais fielmente a realidade social?

Tais questionamentos envolvem uma forte problemática e talvez possam ser respondidos considerando diferentes variáveis, ou seja, em um extenso e aprofundado estudo. Não há uma receita pronta que nos forneça respostas a estas dúvidas, mas, neste momento, estas interrogações são tidas como vias que permitem a reflexão essencial ao período inicial de uma pesquisa que deve resultar em um trabalho de Dissertação de Mestrado em Geografia. Deste modo, este artigo tem o intuito primordial de discutir o método e as categorias geográficas indispensáveis para investigar e analisar criticamente as especificidades da área urbana do município de Cuité- PB<sup>4</sup>. Para alcançar os objetivos desta pesquisa foram desenvolvidos estudos de natureza bibliográfica, principalmente relacionados à temática de Geografia Urbana.

Ciente da impossibilidade de contemplar toda a complexidade que envolve esta tarefa, neste trabalho será possível apenas, de maneira sucinta, fazer uma análise de alguns dos nortes que podem ser seguidos para chegar mais próximo o possível da construção do conhecimento e da dialética fomentada na realidade de Cuité, PB.

## **2. MÉTODO E OBJETO**

Cada objeto produzido é resultado da evolução de técnicas de determinados grupos sociais. As ações humanas - por mais que se constituam em atos que pretendem atender a necessidades aparentemente particulares e individuais – estão ligadas a vida em sociedade, tanto no processo que as antecede quanto em seu reflexo, ou seja, nas consequências. Estes

---

<sup>4</sup> Município do Nordeste brasileiro localiza-se na Paraíba (PB), mais especificamente, na Mesorregião do Agreste e na Microrregião do Curimataú Ocidental. De acordo com o censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do município de Cuité apresenta 19.978 habitantes. No ano de 2006 o município recebeu o Centro de Ensino Superior de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) que atraiu uma camada populacional interessada nos serviços ofertados pelo CES. E grande maioria desta nova camada populacional passa a usufruir também da cidade movimentando os setores imobiliário, de serviços, de infraestrutura, de lazer e as relações sócias; em fim, a dinâmica espacial dos objetos e ações da zona urbana iniciou um processo de alterações para responder as necessidades de funcionamento do CES. Deste modo, a área urbana cuiteense apresenta-se um rico objeto de investigação e análise.

objetos e a experiência adquirida com seu processo de criação e uso ao serem compartilhadas socialmente promovem alterações no espaço existente e possibilitam a criação de novas necessidades; e conseqüentemente novos objetos, ações e experiências que conduzem ao desenvolvimento social. (LESSA & TONET, 2008).

Pode-se afirmar, desse modo, que a história da humanidade no contexto de sua apropriação da natureza e evolução das técnicas de trabalho transcorre do fomento incessante de novas necessidades e criações que elaboram um espaço cada vez mais artificializado e dinâmico, contraditório e desigual.

E a cidade como reflexo fiel da evolução das técnicas de trabalho, da intelectualidade social e do capital, uma junção de novas formas, processos e relações criadas historicamente pelo homem, apresenta-se ainda como criação incompreendida em suas especificidades e totalidades intraurbana e interurbana (considerando que ela não existe e nem se sustenta sozinha, mas, interligada num extensa rede urbana).

Mesmo com as mais diferentes escalas, localizações, proporções de fenômenos e população pertencentes à cidade é indispensável reputar a relação entre as forças internas e externas, como cada uma age sobre uma porção do espaço e se reflete sobre ele e outros locais. Até mesmo as menores cidades se mostram locais de intrincadas relações. “Quanto *mais pequeno* o lugar examinado, tanto maior o número de níveis de determinações externas que incidem sobre ele. Daí a complexidade do estudo do *mais pequeno*.” (SANTOS, 2012, p. 13).

Diante esta concepção, ao considerar a pequena cidade como espaço historicamente elaborado, de reprodução das forças sociais, conflitos políticos e de atuação do capital e objetivando conhecê-la mais profundamente, pode-se afirmar que o método Materialismo Histórico Dialético é o caminho mais adequado para refletir de maneira crítica a realidade socioespacial de Cuité. “Não se trata da transposição de categorias de análise marxista para a geografia, mas de sua superação e, dentro desta perspectiva, repensar a geografia e a sua capacidade de analisar os fenômenos que se propõe.” (CARLOS, 2008, p.14). Mas, de buscar a construção do conhecimento ao tentar compreender a relação do homem-natureza considerando a evolução histórica social como meio construtor/modificador do espaço geográfico e o significado e posicionamento desta pequena cidade na divisão territorial do trabalho.

Mesmo com as limitações<sup>5</sup> pontuais deste método, assim como todos os outros as tem, espera-se refletir sobre as circunstanciais transformações tecnológicas, institucionais,

---

<sup>5</sup> Segundo Thrift (1996) as grandes lacunas da obra marxista são sua insensibilidade às diferenças geográficas ao tornar o espaço totalizante, não considerar que o capital utiliza estas diferenciações como fonte de lucro e da limitada ou ausente percepção da expansão das trocas simbólicas.

demográficas e políticas, e alcançar por meio dele um conhecimento crítico e transformador, ou seja, da práxis marxista.

A *práxis* não é simplesmente, como se costuma dizer, a “unidade” da teoria e da prática: dito assim, isto suporia que “teoria e “prática” são duas entidades originais e autônomas, preexistentes, que logo a *práxis* (inspirada pelo gênio de Marx, por exemplo) viria “juntar” de alguma forma e com certos propósitos. Porém, sua lógica é exatamente a inversa: é porque *sempre há práxis* – porque a ação é a condição do conhecimento e vice-versa, porque ambos pólos estão constitutivamente co-implicados [...]. (GRÜNER, 2006, p.104)

A escolha pelo método de análise marxista deve considerar que ele possibilita percorrer pelo difícil caminho de relacionar, de modo pertinente, o conhecimento teórico ao empírico sem negar o caráter político dos fenômenos sociais. Vlach afirma que ao cumprir o desafio deste método é possível

[...] mais do que garantir a possibilidade de interpretações mais amplas da História, do real, o fundante político destrói o imediatismo das ações, porque desmonta, por dentro, a lógica da identidade que as sustenta (a repetição do Mesmo), a partir de um pensar uma teoria – realizado na/e pela práxis humana. (VLACH, 1988, p.76)

Segundo Moreira (2004) marxismo e geografia numa concepção ontológica possuem três categorias em comum: a natureza, o trabalho e o homem. O método marxista pode, então, contribuir para enxergar a cidade em sua plenitude interna e externa. Analisando suas especificidades diante um processo de construção histórica da relação natureza, homem e trabalho que resultaram em espaços metamórficos de intenso domínio e atuação do capital.

### **3. CONCEITOS/CATEGORIAS GEOGRÁFICAS E A PEQUENA CIDADE**

#### **3.1\_ Construção epistemológica da pequena cidade**

Ao refletir sobre a ligação ontológica entre geografia e marxismo a partir das categorias natureza, trabalho e homem pode-se considerar que ambas estão contidas no conceito de espaço geográfico e conseqüentemente no de cidade. No entanto, ainda há na Geografia um forte impasse sobre o conceito de cidade; mais intenso ao referir-se as de pequeno porte.

---

Não há como negar ou não atentar para a relevância das pequenas cidades na rede e hierarquia urbana, ou ignorar que o entendimento de sua realidade é significativo para a compreensão de sua configuração territorial, papel, funcionalidade e suas articulações tanto em contexto regional como nacional. Este viés do debate epistemológico ainda não está amadurecido pela Geografia brasileira, que se sustenta primordialmente em estudos relacionados às metrópoles brasileiras.

A necessidade de discorrer sobre um arcabouço teórico conceitual que tem como objeto de análise a pequena cidade não significa desdenho às pesquisas metropolitanas (que são de grande contribuição para a Geografia e diversas outras ciências) ou audácia em formular um conhecimento novo e alheio ao processo de urbanização brasileiro. Na realidade esta aspiração só revela que é indispensável estruturar conceitualmente as especificidades e particularidades destes locais que tem se tornado cada vez mais relevantes no processo brasileiro de urbanização.

Diante tal contexto, tomar como tarefa - no futuro trabalho de dissertação – a discussão conceitual sobre pequenas cidades adotando como referência base a cidade como produto histórico socialmente elaborada, local de reprodução das práticas capitalistas e de intrincadas e dinâmicas relações, é essencial para compreender as diversidades e particularidades do objeto de estudo em foco.

Para Botelho (2007, p. 09) a cidade é o “lugar da divisão do trabalho aprofundada, da concentração de poder e de riquezas, onde mais claramente expressam-se as diferenças, sejam elas de classe, étnicas ou de gênero”.

Santos & Silveira (2008) apresentam a cidade como resultado da modernização das relações capitalistas, “pontos de interseção e superposição entre as horizontalidades e as verticalidades. (...) uma ponte entre o global e o local, em vista das crescentes necessidades de intermediação e da demanda também crescente das relações”.

Beatriz Soares e Nágela Aparecida de Melo (2009, p. 36) *apud* Maia (2010, p. 22) relatam de maneira sucinta o que consideram como pequenas cidades:

Em síntese, as pequenas cidades no Brasil, entendidas enquanto espacialidades que compõem a totalidade do espaço brasileiro, na condição de partes integrantes e interagentes, são marcadas pela diversidade. Tal característica pode ser entendida a partir do contexto regional em que estão inseridas, pelos processos promotores de sua gênese, bem como no conjunto de sua formação espacial.

Considerar-se-á primordialmente a cidade como resultante das transformações tecnológicas, políticas, culturais e econômicas instantâneas. Lugar de habitação e de relações sociais, que está em constante movimento devido à atuação dos que dela se apropriam e que ao utilizar suas técnicas, produzem e reproduzem o espaço na busca do aperfeiçoamento e de resposta às suas aspirações.

Acredita-se que a partir destas concepções serão abertos caminhos para analisar os processos e estruturas da pequena cidade e fomentar uma discussão conceitual sobre a mesma, sem pretensões ingênuas de “criar” um conceito acabado e inalterável, porém crendo na contribuição desta reflexão para a base epistemológica geográfica urbana e para a compreensão do conteúdo da realidade deste objeto de estudo.

### **3.2\_ A paisagem na/da cidade**

Compreender a cidade significa entender uma porção do espaço que possui características singulares. A relação sociedade-natureza diverge no tempo e no espaço, criando unicidades. Através do poder de apropriação são atribuídos aos objetos, formas e funções características do grupo social que o produziu; estas particularidades são perceptíveis na paisagem. Tornando-se essencial o estudo da paisagem para contemplar as transformações socioespaciais cotidianas da cidade.

Segundo Santos (1988, p. 21) paisagem é “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, (...). Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” Desse modo, a interpretação da paisagem possui uma forte ligação com os sentidos humanos, essenciais para notar suas cores, sentir seus odores, perceber seu movimento e sons.

Repleta de elementos artificiais ou naturais, a paisagem altera-se continuamente acompanhando as transformações humanas. Interpretada por cada indivíduo de modo muito particular, as paisagens mantêm uma forte relação com a sociedade. Santos (2006, p. 106) afirma que a paisagem mostra-se:

(...) resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade. Paisagem e sociedade são variáveis complementares cuja síntese, sempre por refazer, é dada pelo espaço humano.

A paisagem como natureza fabricada que relata em suas materializações, a história da sociedade humana. Rolnik (1995, p.17) expõe que:

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê um texto.

A paisagem da pequena cidade revela as particularidades no modo de vida, tradições e a forma como o capital se reproduz nestes locais. Ela não só é resultado da história social, mas capaz de reproduzi-la com perfeição, pois guarda informações e marcas temporais que podem ser identificadas e decodificadas. “Da observação da paisagem urbana depreendem-se dois elementos fundamentais: (...) “espaço construído”, o imobilizado nas construções, e o segundo ao movimento da vida” (CARLOS, 2008, p.50).

### **3.3\_ Moradia**

Na vida urbana um arsenal de necessidades são criadas e mesmo nas pequenas cidades elas tendem a ser alimentadas e atendidas pelas leis do capital. Muitas necessidades materiais e imateriais foram elaboradas como essenciais à vida na cidade e são alimentadas das mais diversas formas ao serem exploradas e apropriadas pelo capitalismo global. Até mesmo as necessidades vitais mais básicas da sociedade contemporânea são transformadas em mercadoria.

Desse modo, a realização desta necessidade se dá de acordo ao poder econômico de cada indivíduo ou grupo social. Destaca-se, entre estas necessidades apropriadas para alimentar a lógica do capital, a moradia. Ela torna-se ainda mais gritante na cidade, porém, mesmo sendo uma necessidade fundamental ela não é acessível a todos.

A questão habitacional é inerente ao ser humano e ao meio urbano, sendo impossível que ela seja ignorada pela sociedade e pelo Estado. Pois, é essencial nas estratégias de desenvolvimento e legislação urbana, nas transações do mercado imobiliário, nas aplicações de uso de solo, padrões de edificação, e, portanto, nos direitos e condições de vida da população.

Mesmo não sendo totalmente ignorada, a moradia, é posta muitas vezes como questão secundária para algumas classes. “Os processos sociais geradores de exclusão social e

impulsionadores do processo de pauperização da população empurram a pobreza para áreas cada vez mais periféricas” (SANTOS, 1998, p.136) onde são fomentadas as construções de submoradias e a condição de vida das pessoas que fazem parte dos excluídos ou incluídos de forma perversa<sup>6</sup> se expressa na paisagem, nos rostos das pessoas, nos hábitos, numa cultura ímpar que é criada ou resultante de uma adaptação.

De acordo com Rodrigues (2003, p.11) “De alguma maneira é preciso morar. [...] historicamente mudam as características de moradia, no entanto é sempre preciso morar, pois não é possível viver sem ocupar espaço”. Carlos (2008) afirma que a cidade “é o *locus* da habitação”.

A moradia está relacionada à satisfação de anseios físicos e semióticos. Ela não representa apenas um lugar para “comer, dormir, descansar, enfim, um lugar usado para reposição de energia, de reprodução da força de trabalho e da espécie” (CARLOS, *op cit*, p.43), mas, também estão ligados a ela os sentimentos de segurança, bem estar e realização pessoal.

As necessidades sociais têm um fundamento antropológico; opostas e complementares, [...]. A essas necessidades antropológicas socialmente elaboradas (isto é, ora separadas, ora reunidas, aqui comprimidas e ali hipertrofiadas) acrescentam-se necessidades específicas, [...]. Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas (LEFEBVRE, 2001, P.105).

É, deste modo, inviável falar sobre as pequenas cidades considerando as necessidades intrínsecas a elas sem ao menos citar a moradia. Ou mesmo ignorar os conflitos sociopolíticos, as alterações na dinâmica do mercado capitalista e a espacialidade física gerada em torno do acesso a este bem, como se a mesma fizesse apenas parte dos objetos da cidade sem função.

### **3.4\_ Agentes Urbanos**

A cidade como construção social contém uma dialética entre cidade-habitantes, que convida uma intensa reflexão. Ao mesmo tempo em que são agentes modificadores, os habitantes tem suas ações influenciadas pelas alterações decorrentes no espaço urbano, seja em seu modo de vida, atividades econômica, acesso a funções, ou seja, nas relações que

---

<sup>6</sup> Sawaia (2000) ao argumentar sobre a partir da “dialética inclusão/exclusão”, a compreende inclusão perversa como a desigualdade pertencente à sociedade capitalista. Os incluídos de forma perversa (e não simplesmente excluídos) são desvalorizados em suas ações, necessidades e aspirações.



constroem cotidianamente. Lefebvre (*op cit*, p. 51-52) assegura que:

A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados, etc.), com sua história. Portanto, ela muda quando a sociedade no seu conjunto. Entretanto, as transformações da cidade não são os resultados passivos da globalidade social, de suas modificações. A cidade depende também e não menos essencialmente das relações de imediatez, das relações diretas entre pessoas e grupos que compõem a sociedade (...); ela não se reduz mais à organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem às mudanças nessas relações. Ela se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de *ordem próxima* (...) e a *ordem distante*.

A cidade reflete as diferenciações dos grupos que a produz. Eles interferem espacialmente, politicamente e economicamente na cidade de modo intencional buscando atender seus interesses. Identificar quem são os agentes urbanos mais influentes e como cada um interfere direta ou indiretamente na cidade é essencial para entender a dinâmica e os resultados específicos de cada local.

Os grupos que exercem força de ocupação e apropriação do território provocam uma série de fenômenos particulares e contínuos com nexo de causa e efeito. Como afirma Corrêa (2008, p.35) “a gestão do território implica o controle da organização espacial, incluindo, em muitos casos, o controle de sua gênese e dos processos que a mantêm ou a alteram”.

De acordo com Corrêa (1993, p.12), os agentes que “fazem e refazem a cidade são: a) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; b) os proprietários fundiários; c) os promotores imobiliários; d) o Estado; e e) os grupos sociais excluídos”.

Os agentes do espaço urbano atuam de modo que se apossam e controlam a terra urbana mesmo que utilizem estratégias diferentes possuem os mesmos interesses de produzir e reproduzir as relações capitalistas, visando o acúmulo de capital. Eles estão relacionados à regularização de bens necessários a manutenção diária da sociedade e na construção de meios necessários à produção capitalista. Promovem a construção, financiamentos, comercialização, organização, incorporação e controle das propriedades e dos terrenos. Dessa forma possuem cada vez mais acesso aos meios de adquirir capital.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A urbanização brasileira apresenta disparidades muito fortes. As transformações políticas, técnicas e econômicas expressam-se de modo muito particular em cada porção territorial. Estas particularidades precisam ser compreendidas pela ciência geográfica.

O avanço nas pesquisas relacionadas aos espaços metropolitanos já tem uma significativa representatividade nacional quando comparados aos estudos geográficos sobre a pequena cidade brasileira que ainda estão engatinhando. Sendo essencial a construção de conceitos e reflexões mais sólidas que representem a realidade destas porções espaciais de modo mais fiel o possível. E para isto a escolha de um método e de categorias adequadas ao que se pretende pesquisar deve estar entre os passos mais relevantes do pesquisador.

Considera-se, no estudo de caso sobre Cuité-PB, que o método Materialista Histórico Dialético (por ser entendido como a corrente teórica filosófica mais capaz de aproximar o pesquisador da realização de seus objetivos) é essencial para contemplar o caráter político, socioeconômico, dinâmico e dialético das relações, processos e estruturas pertencentes à área urbana da cidade supramencionada. A criticidade e reflexão que são possíveis através da pertinente adoção deste método permitem a construção científica mais próxima e fiel da realidade. Porém não deve-se desconsiderar totalmente as contribuições que o embasamento teórico filosófico de outros métodos pode trazer a esta pesquisa. Mesmo sem defesa ao ecletismo metodológico alega-se que o Método Dialético será a base principal de reflexão, não necessariamente a única e absolutamente capaz de dar conta de toda a complexidade da realidade.

Acredita-se que as categorias paisagem, moradia e agentes urbanos devem explorar as relações entre os sistemas de ações e objetos da cidade. Os objetos são repletos de funcionalidades e contemplam a estrutura das relações sociais. Deste modo, ao relacionar estas categorias alarga-se os horizontes de interpretação e construção epistemológica referente às pequenas cidades; pois, elas contemplam a relação entre o visível e o invisível, entre o móvel e o “imóvel” social na produção do espaço urbano.

A metamorfização espacial exige dedicação e esforço por parte dos cientistas em compreender as suas mais diferentes e específicas partes. Para isto, torna-se indispensável a escolha de caminhos metodológicos que visem a representação crítica deste espaço e expressem as mais diversas realidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, Adriano. **O urbano em fragmentos: a produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

CARLOS, Ana Fani A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. **A cidade**. 8. ed. 2ª reimp. - São Paulo: Contexto, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **Metrópoles, Corporações e Espaço: Uma Introdução ao Caso Brasileiro**. In: CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo Cesar da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Questões Atuais da Reorganização do Território**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

GRÜNER, Eduardo. **Leituras Culpadas. Marx(ismo) e a práxis do conhecimento**. In: BORON, A.A.; AMADEO, A.; GONZÁLEZ, S. (Org.). **A Teoria Marxista Hoje: problemas e perspectivas**. 1 ed. 1ª reimp. - Buenos Aires: CLACSO, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso: 12 de Dezembro de 2012.

LEFEBVRE, Henri. **Especificidade da Cidade**. In: **O Direito à Cidade**. 5 ed. 2º reimp. - São Paulo: Centauro, 2001.

LESSA, Sérgio.; TONET, Ivo. **Introdução à Filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MOREIRA, Ruy. (2004). **Marxismo e Geografia (A Geograficidade e o diálogo das Ontologias)**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <[www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/.../135](http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/.../135)>. Acesso: 08 de Novembro de 2012.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3. ed. 4ª reimp. - São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional**. In: **A Natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. 4. ed. 2ª reimp. - São Paulo: Edusp, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. 4. ed. 2ª reimp. - São Paulo: Edusp, 2006.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Método**. 5. ed. 1ª reimp. - São Paulo: Edusp, 2012.

\_\_\_\_\_. SILVEIRA, M. L. Urbanização: cidades médias e grandes. In: **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SAWAIA, Bader Buhiran (org.). **As artimanhas da exclusão**. 5ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

SOARES, B. & MELO, N. A. de. (2009, p. 36) *apud* MAIA, Doralice Sátiro. Cidades Médias e Pequenas do Nordeste: Conferência de Abertura. In: LOPEZ, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. Salvador: SEI, 2010, p.15-41.

THRIFT, Nigel. Visando o âmago da região. In: GREGORY, Derek et al. (Org). **Geografia humana: sociedade espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VLACH, Vânia Rubia Farias. Fragmentos a cerca do método em geografia. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, 2(4): 71-77, jan./jun. 1988. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/1946/1622>>. Acesso: 11 de Dezembro de 2012.